



Universidade Federal do Ceará

GELF  
Grupo de Estudos  
'Ludwig Feuerbach'

A Karl Riedel  
Para a retificação do seu esboço

[www.feuerbachfilosofiaufc.blogspot.com](http://www.feuerbachfilosofiaufc.blogspot.com)

2011

## A Karl Riedel

### Para a rectificação do seu esboço

**M**eu caro Karl Riedel! Os grandes passos na cultura da Humanidade chegam às cidades por mão de estafetas, mas a nós, que vivemos no campo, *per pedes apostolorum*. Não admira que o pacato camponês esteja sempre a uma significativa distância do expedito citadino. Foi assim que só no passado sábado, 16 de Março, recebi o *Jahrbuch der Literatur* (Hamburgo, Ano 1, 1839) em que juntamente com um esboço de Daumer delineaste um outro da minha insignificante pessoa. Mas já hoje, 19 de Março, agora mesmo que dei por acabado um trabalho, seguro na pena para completar os traços do teu desenho com alguns traços em sentido contrário. Entre outras coisas, afirmas: "Seria altamente desejável que Feuerbach se dedicasse muito em breve a uma *actividade definida*. Em áreas mais próximas da vida e da arte o seu talento *havia de brilhar*, podendo deixar para outros as *compilações eruditas* que mereceram um fraco reconhecimento por parte dos contemporâneos." É possível; mas como, se o interessado não quiser brilhar agora? Ou se não quiser brilhar nunca? Se preferir a sombra de uma certa [4] obscuridade ao brilho de uma celebridade resplandecente? Será que todas as plantas só crescem sob a luz solar? Podes censurar o peixe, que só se sente bem profundidade da corrente, por não subir à superfície para se expor ao sol, sob os olhos da assistência? Podes dizer à flor que só floresce na sombra do escuro pinhal: que pena não estares num passeio público, ou mesmo num aprazível espaço de recreio? Não é ela aquilo que é apenas no território onde se encontra? Não pertence a localização à caracterização da planta? Não possui cada uma o seu solo específico? Não há tantas plantas que procuram expressamente para si mesmas o solo que lhes é adequado? Sem dúvida que também a tempestade do destino arremessa a semente da planta para lugares a que ela não pertence; mas, ou ela não germina, ou então *cria* para si a sua existência, suprimindo a deficiência do solo pela sua própria força, com substâncias extraídas do ar. Não te sucedeu já tantas vezes veres as bétulas a esvoaçarem em muros, e mesmo em torres de igreja? E então? Seria o homem, o mais nobre

rebento do reino orgânico, a ser sacrificado ao capricho do acaso? Seria ele o único a não encontrar o solo correspondente à sua natureza? De maneira nenhuma! Cada um é o forjador do seu próprio destino. Também eu encontrei o solo que *me* é propício, e encontrei-o assim que troquei a situação de professor por uma simples vida privada, a única que, pelo menos nesta altura, me assenta bem. É certo que *enquanto lugar* o lugar onde moro é uma simples *ironia de lugar*, que apenas pode ser entendida no próprio sítio, numa tranquila tarde de outono ou numa límpida manhã de primavera – um lugar que, aliás, já conduziu um austero erudito do século passado até ao entusiasmo poético. Mas a qualidade espiritual do lugar – e tu bem sabes quão importante é a *qualidade* tanto na vida como na filosofia – é verdadeiramente excelente. Aqui sopra ar puro, saudável, e como o ar puro e fresco é importante para o mais importante [5] órgão do homem, o órgão pensante! A filosofia especulativa da Alemanha, tal como se desenvolveu até agora, é um exemplo das influências perniciosas do ar empestado da cidade. Quem pode negar que o seu órgão de pensamento, nomeadamente em Hegel, se encontrava muito bem organizado? Mas por outro lado, quem pode não ver que nela a função do órgão central estava demasiado separada das funções sensitivas e, em particular, que o canal através do qual a natureza nos envia o seu alento reparador se encontrava obstruído? Eu sei-o por experiência própria. Sempre pensei com liberdade e clareza; e no entanto sofria de constantes ataques de constipação que impediam o afluxo do livre ar natural. Oh, como o *status naturalis* é excelente para o pensador! De quantas ilusões da Humanidade só me dei conta precisamente aqui! E quantas lacunas do meu saber não colmatei *in silentio*! E quantas não hei-de colmatar ainda! Felizmente não és um feiticeiro. Porque nesse caso os teus desejos poderiam perturbar a paz dos meus estudos, que me é indispensável pelo menos ainda durante vários anos – estudos, aliás, de modo algum apenas “eruditos”, mas também muito diversificados – e privar-me além disso de um terreno no qual me situo espiritual e fisicamente melhor, e mesmo infinitamente melhor, do que numa qualquer universidade, onde além da plantação das ciências do sustento apenas continua ainda a prosperar a piedosa criação de gado ovino. Não foi por um destino adverso, foi por um favorável destino de vida que o meu génio pessoal me transferiu para este terreno. Não avalies ninguém pelos outros! O que para um é veneno, é para outro um bálsamo. Bem diferentes são os caminhos que conduzem os homens até à meta. Um vai de diligência pela estrada principal, o outro segue por atalhos pouco trilhadados, sozinho e a pé, em direcção ao seu objectivo. Eu hei-de alcançar os *meus* fins – tanto quanto dependa de mim alcançá-los –, mas prossigo, despreocupado e sem

cuidados, tendo em conta o rumo que planeei e que é adequado à minha natureza. Devagar se vai ao longe, cada coisa a seu tempo – são os princípios que me guiam. [6] A *escrita apenas* erudita, isto é, histórica, não é certamente a minha vocação; pelo contrário: ela contradiz a minha essência, por mais que a compreensão da sua necessidade me faça também tender para *estudos* históricos. Mas por isso mesmo, porque me contradiz, submeti-me a ela. Quis superar a subjectividade pessoal num elemento puramente *objectivo*, aprender a falar apenas com o silêncio, obter o prazer da produção pessoal apenas através da renúncia ao prazer, o direito à autonomia através da autonegação. Ora, como é natural, deste modo não *podia* nem desejava superar-me, uma vez que sacrificava o superior ao inferior, o pensador ao historiador, o interesse filosófico ao interesse erudito. Por isso, ao chamares aos meus trabalhos históricos *compilações eruditas* limitas-te a julgar segundo a *aparência* superficial. Neles, o momento essencial não é a exposição, mas o *desenvolvimento* do ponto central das filosofias expostas, que se deixam reconduzir sempre a uma única proposição *paradoxal* (seja-o aparente ou realmente), como em Descartes à proposição: “Cogito, ergo sum”, em Malebranche à proposição: “Nous voyons toutes choses en Dieu”, em Espinosa à proposição: “À essencialidade do ser absoluto pertencem não só a propriedade essencial do espírito, o *pensamento*, mas também a propriedade essencial da matéria, a *extensão*.” Tivesse eu encontrado *explicação* sobre o *sentido* destas proposições nos livros de história disponíveis, nunca me teria ocorrido escrever sobre Descartes, Malebranche, Espinosa. E o mesmo acontece com Leibniz. O que propriamente me *atraiu* e me levou à exposição e à interpretação desta filosofia foi *um único* ponto *difícil*, o *significado da matéria*, acerca do qual não encontrei qualquer explicação nos livros – pelo menos nos que me eram conhecidos, excepto aliás uma sugestão inteiramente casual e passageira em Jacobi. Outros pontos, pelo contrário, como os do espaço e tempo, da razão suficiente, pareceram-me razoavelmente tratados e por isso só toquei neles *en passant*, [7] porque considerei desnecessário voltar a dizer o que antes, já há 30 ou 50 anos, tinha sido dito de modo satisfatório e porque o *objectivo* essencial da minha *História* se circunscrevia àquilo de que uma interpretação filosófica me parecia ser capaz e necessitar; a interpretação não é senão o desvendamento do enigma do verdadeiro sentido de uma filosofia. Cada filosofia do passado é para uma época posterior um paradoxo, uma anomalia, uma contradição com a sua razão. A interpretação tem a tarefa de resolver esta contradição, de eliminar este paradoxo, de nos mostrar o pensamento alheio como um possível, pelo menos sob certas condições, pensamento próprio de nós. Não é uma actividade empírica que tenha de lidar apenas com o *dado*, não é

uma actividade meramente histórica que restitui servilmente o original com pedantismo filológico e se limita a acompanhá-lo com glosas marginais explicativas ou críticas; é uma actividade *que reproduz*, uma actividade *livre, espiritual*, que não restitui o seu objecto com pele e cabelos, mas o restitui *transfigurado*, que o penetra com a luz do *intelecto* e o torna *transparente*. Enquanto actividade livre, proveniente da apreensão pessoal, a interpretação encontra-se porém exposta à possibilidade do erro e da ilusão. Foi por esse motivo que, a par da interpretação, coloquei constantemente como *controlo* a exposição *puramente objectiva* cujo *meio* é, agora sim, a compilação histórica, porque é preciso compilar ordenadamente as passagens dispersas a fim de produzir um todo – um trabalho penoso, ingrato, monótono. Mas mesmo que quiséssemos ser sempre espiritualmente activos, e sê-lo exclusivamente, não teríamos no fim de contas de renunciar também à actividade da escrita? Não é já a escrita *enquanto escrita* uma actividade *desprovida de espírito*? Não há tantos homens cheios de espírito para quem constitui uma resolução tremenda trocar o nobre trabalho intelectual pelo vulgar trabalho manual da pena? Não significa ir da cabeça para a mão o mesmo que ir de cavalo para burro?

[8] No que concerne às relações exteriores dos meus trabalhos históricos, recebi tanto por parte do público leitor quanto do meu honrado editor o reconhecimento que esperara – se é que esperava algum: não mais, mas também não menos. Quem escreve uma *História da filosofia moderna* renuncia de antemão a produzir *éclat* e rumor; sabe que só vai encontrar aqueles leitores que se interessam por um Descartes, um Espinosa, um Bacon. E quão poucos são. É claro que a história da filosofia também se pode tratar, e bem, de uma maneira que seja no geral interessante e formativa para todos. Mas se abstrairmos do facto de o interesse filosófico mais profundo ficar sempre prejudicado num tratamento desse tipo, esse género de história era ainda prematuro quando comecei a minha, uma vez que o material ainda não estava suficientemente elaborado. Em geral, as ideias científicas só podem transitar para a vida – uma transição que é sempre mediatizada pela estética –, se estiverem completamente elaboradas do ponto de vista científico – e daí ser muito prematuro que talentos mais jovens queiram transpor para a vida as ideias da filosofia moderna quando estas ainda necessitam de inúmeras modificações, e mesmo de rectificações críticas. No entanto, nunca perdi de vista – nem nas mais íngremes alturas da filosofia, nem nos mais remotos vales da história – a *referência à vida*, a tendência prática. É certo que nunca aprovei, nem hei-de aprovar, *aquela* maneira como alguns escritores mais jovens reivindicaram a tendência prática na literatura, por mais que a considere justificada por oposição ao pedantismo erudito,

porque se ela for prosseguida *com coerência* desemboca na aniquilação do momento mais nobre da actividade científica, o cuidado da ciência *por ela mesma*, e consequentemente [9] no utilitarismo mais vulgar, mais desprezível. Na vida, o *mais nobre* é também sempre o *mais útil*, no sentido autêntico deste termo – e tal é a *atitude espiritual*. O meio mais importante para formar e enobrecer a atitude espiritual de um povo ficará porém minado se as ciências e as artes forem avaliadas apenas segundo a referência à vida, como se o culto da arte e da ciência não fosse o supremo acto da vida. Examinada com atenção, a essência do que comumente se chama vida é apenas e sempre o *egoísmo*, que para prolongar a sua existência se apoia no que há de mais vão, valorizando no mundo, sob a *aparência* da necessidade, precisamente o que *em si* é mais desprovido de essência e mais desnecessário: o luxo. Um povo incapaz de actos nobres no domínio da ciência também é incapaz de actos nobres na vida. Só o nobre e livre povo grego se pode gabar de ter produzido um Parménides, um Platão e um Aristóteles. Na Humanidade, a manutenção de atitudes espirituais *nobres*, livres, liga-se por isso apenas à manutenção e ao cultivo independente dos estudos abstractos ou filosóficos, dos estudos *puramente* científico-naturais, dos estudos clássicos – claro está, não naquela maneira execrável, pedante e opressora dos espíritos, como em grande parte ou esporadicamente se pratica nas nossas escolas. O que é sobretudo necessário é que o *espírito livre* não se entregue apenas à estética, que a par das tendências mais sérias corteja sempre e em última instância a beleza da forma, correndo por isso o perigo de degenerar na mais oca futilidade e no auto-comprazimento, e que deixe a *erudição* – uma arma poderosa quando é conduzida pelo espírito – para o pedantismo, o fanatismo religioso ou o absolutismo político. A referência a esta necessidade era a tendência prática que se encontrava na base da minha *História*, mas que decerto não salta aos olhos aí onde coincide com a tendência objectiva, puramente científica.

A tendência prática (no mais elevado sentido) da minha actividade de escritor manifesta-se aliás já no seu método. [10] Este método consiste em ligar constantemente o elevado com o aparentemente comum, o mais longínquo com o mais próximo, o abstracto com o concreto, o especulativo com o empírico, a filosofia com a vida; consiste em apresentar o universal no particular, afundado no elemento da sensibilidade, mas de tal modo que o pensamento, mesmo no meio dos alegres arrebatamentos da fantasia, não perca a ponderação, a presença de espírito, mas que, pelo contrário, no meio do ser-fora-de-si da sensibilidade esteja imediatamente em si mesmo, e deste modo, mas inteiramente incógnito, polemize contra aquela doutrina que na natureza ou no ser sensível apenas avista o ser-outro ou o ser-fora-de-si do espírito. O elo

intermédio, o *terminus medius*, entre o superior e o inferior, o abstracto e o concreto, o universal e o particular é, do ponto de vista prático, o amor, do ponto de vista teórico, o humor. O amor liga o espírito com o homem, o humor a ciência com a vida. O amor é ele mesmo humor e o humor amor. Introduzir o humor na ciência – que de resto de modo algum se reduz a gracejos espirituosos ou associações e interrupções *arbitrárias*, mas só pode ser válido no domínio da ciência segundo as suas propriedades *essenciais* – tal foi o meu empenho. O escritor e o homem – uma série de aforismos humorístico-filosóficos – não é nem devia ser senão uma exposição autónoma do meu método a propósito de um exemplo particular. A tarefa deste escrito não foi propriamente outra senão a de definir o fantasma vazio da *alma*, colocando assim em lugar da anterior imortalidade subjectiva e apenas quantitativa, que tem como sua expressão característica a *sobrevivência* eterna, a imortalidade *objectiva e qualitativa*, que mede o valor do homem não pelo somatório, mas pelo conteúdo, pela qualidade da sua vida. “Isso – diz-se, por exemplo, na p. 36 – que não deixa o homem sossegado nem de dia nem de noite, que nunca lhe sai da cabeça e do coração, acerca do qual ele se esquece de rezar a sua bênção [11] vespertina e matinal, [...] isso que durante toda a sua vida o puxa pelo nariz, que o prende a si com força irresistível, que o aperta contra si tão violentamente que ele não é capaz de respirar livremente [...], isso – e mesmo que este “isso” seja tão-só a soma de cem ducados, ou uma nova conjectura em Eutrópio, ou a invenção de uma nova graxa para sapatos, ou uma fitinha honorífica com a palavrinha “de” –, só isso, e nem mais um milímetro, é a *alma* do homem.” – “A *alma* do homem é o que ele reconhece e experiencia em si como o verdadeiro e o supremo, o que determina a sua maneira de apreciar as coisas, de ser, de viver e de *actuar*” (p. 86). Como *imagem e exemplo* deste pensamento geral escolhi uma esfera *particular* da acção e da vida do homem, embora se trate da esfera espiritual e como tal mais elevada – a esfera do escritor, seja ele poeta ou filósofo ou sábio em geral, e procurei sempre, por assim dizer, matar *dois* coelhos de *uma só* cajadada, ao definir, juntamente com o significado do livro em oposição à vida sensível, o significado da alma em oposição ao reino de espíritos e de fantasmas do além – mas apenas com imagens humorísticas. Aliás, não considero a imagem como a excrescência de uma fantasia luxuriosa que se insere irreflectidamente entre o intelecto e a coisa com o fim de *embelezar*, ou até de *substituir* o pensamento; a imagem é para mim a coisa mesma, mas num caso concreto, é o próprio pensamento, mas ao mesmo tempo como um objecto da intuição. A actividade humorística das imagens é para mim método do pensamento perfeitamente senhor de si mesmo e consciente de si mesmo. “É muito frequente que

ironia e fantasia, quando não se encontram no seu elemento peculiar, o da poesia, sejam apenas *vitia splendida*, meros substitutos do pensamento. Algo diferente acontece, pelo contrário, quando são *frutos do conhecimento* [12] a que só a *maturação interna* imprimiu o atraente cromatismo da beleza, quando o fogo da sensibilidade não é o ardor do desejo que se esforça por apreender o objecto *ansiado* em imagens *enganadoras*, mas o fervor do prazer perfeito, quando a fantasia é a *amada do pensamento* que em *olhares extasiados de alegria irradia ao pensamento* a certeza feliz de que ela é a essência *dele* e ele a essência *dela*." (Prefácio a *Abelardo*, p. IV). Neste caso, ironia e fantasia não são mais que o pensamento que se reconhece a si mesmo e se penetra com clareza, que se exterioriza de *livre vontade* na imagem, que se poderia exprimir de outra maneira se o *quisesse*, que apenas por ironia esconde o sério da verdade sob a máscara do gracejo e da imagem. Ora, um atributo essencial do pensamento que assim se exprime é o *humor*, que contudo não tem aqui outro significado excepto o de ser o docente *privado* de filosofia" (p. V). Note-se bem: o docente *privado*, pois se o humor tivesse achado por bem exprimir-se no tom vulgar de um docente público, então esse velhaco teria muitas vezes falado com estas palavras secas: na filosofia especulativa sinto falta do elemento da empiria e na empiria sinto falta do elemento da especulação; o meu método é, por isso, o de ligar ambas, não porém segundo o conteúdo mas segundo o elemento, quer dizer, ligar a actividade empírica com a actividade especulativa. E o elo de ligação destes dois opostos reais – e não apenas de determinações e abstracções contrapostas – é para mim o cépticismo ou crítica, quer do meramente especulativo quer do meramente empírico. Mas não é o humor de humor céptico?

Era este método que devias ter posto em relevo, se tivesses mesmo querido trazer, e de uma vez por todas, até à luz da imprensa diária a minha obscuridade escondida em si mesma. *Le style c'est l'homme même*; quanto mais só o método! Em vez disso, destacas apenas os *Pensamentos sobre morte e* [13] *imortalidade* – um escrito *anónimo*, não publicado por mim próprio, um escrito que não deve ser reconhecido como meu *nesta* forma em que se apresenta, e não só pelos habituais erros de um jovem escritor, mas sobretudo por ser um escrito desfigurado por acrescentos alheios (nos *Epigramas*) e por *inúmeros e absurdos* erros tipográficos – enfim, um escrito sobre o qual pesa – oh! como sinto calafrios – a maldição do clero no seu conjunto. Oh! tivesse-lo tu deixado na sombra até que fosse o próprio autor a levantar o véu do anonimato! Apenas nisto reside a "peculiaridade" deste livro na sua forma actual, no facto de ser *sem nome*, sim, sem nome em todos os aspectos. Mas por agora abstenho-me de me pronunciar mais detalhadamente sobre este livro e limito-me,

por fim, a aludir a um traço do teu esboço com o qual me incluístes no quadro negro dos insatisfeitos e dilacerados, ao dizeres que dentro de mim habita “um secreto impulso para o prazer na dor, no sofrimento, na dilaceração”. Se entendes por esta dor da dilaceração a dor geral de um presente que está consciente de um futuro melhor, ou a dor da insatisfação consigo mesmo que move infatigavelmente para diante todos os espíritos esforçados, ou a dor *daquela* experiência de o entendimento só nos chegar com o passar dos anos, ou a dor ética da consciência de que na vida ficamos sempre aquém do nosso conhecimento, então tens razão quando não me isentas desta dor; mas não tens razão se tomas a dor da dilaceração num outro sentido, não tens razão se me atribuis de facto um prazer pela dor, pelo sofrimento, pela dilaceração. Gosto, pelo contrário, e seja onde for, do *simples*, do *todo*, do *indiviso*. Aprecio, por exemplo, *tanto entre os animais quanto entre os homens*, as *decididas* criaturas da água, os *peixes vertebrados* e *cartilaginosos*, mais do que a classe dos *répteis*, só porque a [14] vida destes é uma vida dilacerada, embora mais altamente organizada. Sem dúvida que muitas vezes me sucedeu, como o pescador na balada de Goethe, ser atraído pelo peixinho mudo no seu límpido elemento, mas nunca, nunca fui tentado a invejar, dadas as vantagens da sua organização, as bolsas cheias de ar dos batráquios (das rãs, sapos, etc.) ou as serpentes, víboras e lagartos de duas línguas, em detrimento da classe dos peixes vertebrados e cartilaginosos. Não; para mim, o peixinho que permanece no *seu* elemento é preferível ao sapo que partilha do mesmo solo que o homem e todavia pertence, por origem e essência, ao lamaçal; prefiro o pisco com o seu canto monocórdico, mas próprio e natural, ao papagaio que palra a palavra alheia; o burro, que nada mais quer ser do que burro, ao macaco, que pretende ir para além do animal e está porém condenado a ser besta. E com este sentimento e sentido interior pelo indiviso, pelo que está em unidade consigo, concordam todos os meus sentidos, mesmo no mais ínfimo dos pormenores. Os meus olhos apreciam mais as flores e plantas de folhas *inteiras* do que de folhas *recortadas* e *rasgadas*; as suas folhas preferidas não pertencem às *dicotiledóneas*, mas às *monocotiledóneas*. As minhas mãos aplaudem este juízo dos meus olhos; preferem tocar o tronco direito e simples de uma palmeira oriental do que o tronco retorcido, dividido e quebrado de uma florescência *duplamente lobulada cristo-germânica*. Até o meu *nervus olfactorius* é *monoteísta*: no domínio da evolução da civilização presta certamente homenagem ao “parisiense” (*scilicet*, tabaco de rapé), mas no domínio da natureza nada lhe agrada mais do que o encantador aroma do lírio, que pertence às *monocotiledóneas*. O meu paladar é decerto picante, amigo do ácido, do amargo, do salgado, mas por isso mesmo um antípoda declarado de todas

as composições antinaturais; ele rejeita imediatamente misturas geralmente apreciadas, como as do café com açúcar e leite, apenas para deixar o café na sua plena *originalidade e integridade*, para não interpolar no texto [15] da natureza ingredientes estranhos. Os meus ouvidos são muito menos molestados por um burro que *fala* como um homem do que por um homem que *pensa* como um burro, quando se socorre de argumentações *irracionais* para colocar a contradição do burro sobrenaturalista de Balaam em harmonia com a razão. Agora faz as contas, mas peço-te por favor, não as voltes a fazer sem o anfitrião. Duas testemunhas bastam em face do tribunal, e segundo os antigos sábios indianos um único sentido, o paladar do homem, valia como um *testimonium morum* suficiente. Eu tenho nada mais nada menos do que cinco, digo cinco, testemunhas a meu favor, nada mais nada menos do que cinco, digo cinco, sentidos do meu lado. Que podes exigir mais? Fica bêm!